

Abordemos um outro problema: o da evolução morfológica da espécie humana.

Não vamos aqui entrar em pormenores que embora muito interessantes não nos devem ocupar neste momento.

Está hoje admitido que a espécie humana representa o último exemplar duma série de transformações efectuadas sobre um determinado ser cujas origens se perdem nas mais longínquas idades geológicas. O homem não existiu sempre como é hoje; não permaneceu imutável desde o seu aparecimento na terra até aos nossos dias. Mercê de vários factores elle passou de formas atrazadas, mais simiescas do que humanas, até ao estado em que actualmente se encontra, situado no vértice da escala zoológica e adornado com o rótulo pomposo, que a si próprio se attribuiu, de *Homo sapiens*.

« Conhecemos homens fósseis nitidamente inferiores ao homem de hoje e, por outro lado, seres superiores aos macacos actuais que fazem uma doce transição entre estes homens primitivos e o animal » (Rostand) (1). O homem actual descende de tipos humanos ancestrais desaparecidos, e este, por sua vez, de outros tipos para-humanos e pré-humanos que da sua existência nos deixaram poucos mas preciosos vestígios. Há na série humana uma escala de transformações sucessivas, e a paleontologia conhece alguns desses termos: o *Plesianthropus*, o *Paranthropus*, o *Sinanthropus*, o *Eoanthropus Dowsoni*, o *Homo heidelbergensis*, o *Homo neanderthalensis*...

Como se efectuaram estas transformações?

Tudo nos leva a crer que por uma série de mutações.

« A espécie humana pode apresentar mutações, como as outras espécies. O homem não parece ser o produto duma só

(1) Sobre o problema da evolução da espécie humana, veja « Síntese » n.º 3, págs. 26 e segs.

mutação (1), mas duma série de mutações independentes. Uma mutação no crâneo pode não ser acompanhada duma mutação na maxilla... Uma mutação pode ter dado aos dentes um carácter humano, sem que a mandíbula se tenha modificado... » (Guyénot) (2).

Diz-nos Cuénot, (3) que a mutação « pode alongar um órgão ou reduzi-lo, suprimi-lo até; muda pigmentos... etc... mas nunca se viu dar origem a um utensílio completo, por muito simples que seja ». A isto observámos nós há tempos que *nunca se viu* significa: o *homem nunca viu*, e não é legítimo, só porque o homem nunca o viu, negar que o fenómeno se tenha dado. Na verdade o fenómeno deu-se; entre os diferentes tipos da série que deu origem ao homem, a transição não é insensível; existem hiatus, saltos que não conseguimos preencher nem conseguiremos explicar se não admitirmos que as mutações incidiam, não sobre pormenores secundários, mas sobre caracteres completos. Tudo se passa como se as mutações se fizessem em blocos, substituindo totalmente uma mandíbula simiesca por uma maxilla humana, um crâneo pitecoide por um crâneo antropeide.

Crê-se hoje (bem entendido, há quem não creia) (4) que uma série de mutações muito próximas no tempo se acumularam sem se manifestarem francamente até um dado momento em que irromperam bruscamente, transformando em bloco os caracteres da espécie. Na nossa maneira de ver (é uma opinião puramente pessoal), um dado tipo, o *Eoanthropus*, por exemplo, sob a acção do meio, foi creando uma série de condicionalismos genéticos, uma susceptibilidade especial que o predispôs a sofrer uma mutação completa desencadeada por

(1) (O que o faria passar bruscamente de animal a homem, sem transição).

(2) Cit. in « Síntese » n.º 3, pág. 28.

(3) Cit. in « Síntese » n.º 4, pág. 7.

(4) Também há finalistas, e pessoas que acreditam em bruxedos e almas do outro mundo.